



UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR
Covilhã | Portugal

Faculdade de Artes e Letras
Departamento de Comunicação e Artes



Escola Secundária Campos Melo
Departamento de Ciências Sociais e Humanas

Mestrado em Ensino da Filosofia no Ensino Secundário

Ano Letivo 2013/2014

Planificação de aula de Filosofia

**Unidade Letiva IV do 11.º Ano: “O Conhecimento e a Racionalidade Científica e Tecnológica”,
no âmbito da temática 1. “Descrição e interpretação da actividade cognoscitiva”**

Docente coordenador do Mestrado:

Professor Doutor José Domingues

Docente orientadora do estágio

Professora Paula Cesário

Discente e orientando de estágio:

Paulo Jorge da Fonseca Neves – M 5806

Covilhã, Ano Letivo 2013/2014

ÍNDICE	2
Introdução	3
Plano de aula	4
Fundamentação Científica	5
Fundamentação Pedagógico-Didática	6
Anexos	7
Guião de aula	8
Recursos	10
Powerpoint	10
Texto a explorar	12
Trabalho de grupos	12
Roda de Elementos para Pensar Criticamente	13
Critérios de análise para Pensar Criticamente	14
Grelha de avaliação de competências para Pensar Criticamente	15
Exercício de avaliação formativa	16
Exercício de avaliação formativa (TPC)	17
Bibliografia	18

Introdução

A Planificação de aula que temos entre mãos, no âmbito do Estágio do Mestrado em Ensino da Filosofia no Ensino Secundário, incide sobre a temática do Programa de Filosofia do 11.º Ano que diz respeito à Unidade Letiva IV: “O Conhecimento e a Racionalidade Científica e Tecnológica”, mais concretamente, à “Descrição e interpretação da atividade cognoscitiva”. Nesta abordagem teremos em conta, de um modo especial, o manual escolar adoptado pelo grupo de Filosofia da Escola Secundária Campos Melo (Covilhã), “Pensar Azul”, da autoria de Fátima Alves, José Arêdes e José Carvalho, da Texto Editores, de 2008, auxiliando-nos, no entanto, de outros recursos complementares.

O motivo da incidência deste trabalho neste tema prende-se com o facto de ele poder reflectir uma perspectiva subjacente a todo o saber filosófico, concretamente, o seu carácter crítico. Trata-se da Introdução à Unidade didáctica relativa à “Descrição e interpretação da atividade cognoscitiva”, a qual reflete uma perspectiva subjacente a todo o saber filosófico, concretamente, o seu carácter cognitivo, com tudo o que isso implica. Do ponto de vista científico, esta temática, na extensão que nos propomos aqui tratar, levanta, entre outras, as seguintes questões fundamentais: Será que conhecemos a realidade?; Vivemos num mundo real?; Como podemos distinguir o mundo real do mundo virtual?; e Quais os elementos constituintes do ato de conhecer? Através destas questões pretende-se problematizar e distinguir realidade e aparência; analisar as relações entre o cérebro e a mente; conhecer perspectivas diferentes acerca da natureza da mente; e identificar os elementos constitutivos do conhecimento.

De um modo sucinto, a fundamentação didáctica desta planificação assenta sobre um conjunto de estratégias que passam pela exposição oral com recurso multimédia, pelo debate de ideias, por um trabalho de grupos, pela leitura e comentário de texto(s), utilizando a “Roda de elementos para Pensar Criticamente” (cf. Anexo) e respetivos “Critérios de análise” (cf. Anexo), pela observação e análise de algumas imagens afins, pela resolução de alguns exercícios de cariz, essencialmente, formativo, e ainda pelo preenchimento de uma “grelha de avaliação de competências para Pensar Criticamente”. Através destas estratégias pretende-se exercitar a problematização, concetualização e argumentação referente à temática em causa, bem como estimular nos alunos e entre os alunos competências ao nível da participação e cooperação. Esta abordagem temática filosófica coloca-nos perante oportunidades de descrição e compreensão da atividade cognoscitiva abrindo-nos horizontes de percepção do ser humano e do seu contexto, de uma forma crítica.



Plano da aula X

11º Ano	Turma X	Lição n.º X	Data: __/__/2014	Sala X
Unidade Letiva IV:		Subunidade: Descrição e interpretação da atividade cognoscitiva		
“O Conhecimento e a Racionalidade Científica e Tecnológica”		Conceitos Chave: Conhecimento; realidade/realidade virtual; cérebro; mente; sensação; percepção; cognição		
Sumário	Unidade Letiva IV: “O Conhecimento e a Racionalidade Científica e Tecnológica” Subunidade: Descrição e interpretação da atividade cognoscitiva Introdução: Situação-problema			

Objetivos Gerais	Objetivos específicos	Conteúdos	Estratégias	Recursos	Avaliação	Tempo
Descrever o acto de conhecer	Despertar/Sensibilizar os alunos para a compreensão do conhecimento Compreender a complexidade do conhecimento	O tema do conhecimento e sua complexidade a partir da análise de uma situação-problema A existência do mundo exterior: o virtual e real	Redação do Sumário Chuva de ideias sobre a palavra “Conhecimento” Trabalho de grupos a partir da situação problema “Chang Tzu e a borboleta” (pg. 141 manual), seguida de Plenário e registo de conclusões no quadro Projeção <i>powerpoint</i> / Desenvolvimento manual Exercício de avaliação formativo, no quadro	Quadro / Computador / <i>Datashow</i> / <i>Powerpoint</i> Dicionário Escolar de Filosofia (Aires Almeida) Aa.VV., <i>Pensar Azul</i> , Texto Editores, 2008 – manual 11.º ano (pp. 140-142) Textos complementares Visionamento de imagens	Observação direta: grelha de registo da participação oral e qualidade das intervenções e de cooperação com os colegas Exercício de cariz formativo Preenchimento de grelha de avaliação de competências gerais para Pensar Criticamente	90'

Plano de aula X

Fundamentação Científica:

A presente aula tem como objetivo fundamental proceder a uma exploração concetual da atividade cognoscitiva no sentido da sua problematização, concetualização e argumentação. Tratando-se do início de uma unidade didática é de todo conveniente que se faça uma exploração concetual da mesma. Nesta dinâmica ter-se-á em conta a exploração cognitiva do termo conhecimento, bem como a exploração da dicotomia real/virtual, chamando-se a atenção para outras dicotomias com ela relacionadas, nomeadamente, cérebro/mente e corpo/alma.

Com base nas questões que esta temática levanta (Será que conhecemos a realidade?; Vivemos num mundo real?; Como podemos distinguir o mundo real do mundo virtual?; entre outras), pretende-se problematizar e distinguir, sobretudo, a realidade e aparência.

Os alunos são convidados a situar-se perante esta problemática como preocupação subjacente a todos os tempos, tendo, no entanto, uma preocupação de partir, o mais possível, das vivências dos alunos.

Através dessa confrontação, pretende-se que os alunos se situem perante a complexidade da problemática do conhecimento, ou seja, que a problematizem e concetualizem, de uma forma argumentativa.

Poderemos, assim, dizer que os desafios desta temática filosófica nos colocam perante oportunidades de descrição e compreensão da atividade cognoscitiva abrindo-nos horizontes de perceção do ser humano e do seu contexto envolvente.

De salientar que, para além dos aspetos cognitivos a explorar, o que está em causa, sobretudo, é exercitar uma atitude participativa e colaborativa perante esta temática e seus desafios existenciais, que tenha uma atitude crítica como móbil principal de toda esta abordagem.

Fundamentação Pedagógico-Didática

As estratégias pedagógicas escolhidas para atingir os objectivos pretendidos passam pela exposição oral com recurso multimédia, pelo debate de ideias, por um trabalho de grupos, pela leitura e comentário de texto(s), pela observação e análise de algumas imagens afins, pela resolução de alguns exercícios de cariz, essencialmente, formativo, pelo preenchimento de uma grelha de avaliação do Pensamento Crítico, entre outros. Através destas estratégias pretende-se exercitar a problematização, concetualização e argumentação referente à temática em causa, bem como estimular nos alunos e entre os alunos competências ao nível da participação e cooperação conducentes, não apenas ao alcance do sentido dos conteúdos teóricos mas, sobretudo, ao alcance do sentido de quem os aborda.

De um modo mais concreto, num primeiro momento da aula, depois da redação do sumário, irão convidar-se os alunos a pronunciar-se sobre a primeira ideia que têm relativa à palavra conhecimento, no sentido de motivar para a temática a explorar. Explorada, superficialmente, a palavra conhecimento através do contributo dos alunos, registados no quadro, propõe-se um trabalho de grupos a partir da situação problema expressa no texto “*Chuang Tzu e a borboleta*” (pg. 141 do manual), utilizando a “Roda de elementos para Pensar Criticamente” e respetivos “critérios de análise”, seguida de Plenário com registo de conclusões no quadro.

Será tido em conta o nível de participação oral e argumentação dos alunos, bem como a sua atitude de cooperação e relação com os outros a nível de confrontação de pontos de vista. A partir da exploração crítica do texto proposto e das ideias fortes resultantes do trabalho de grupos dos alunos chegar-se-á a uma proposta de síntese que será sublinhada no quadro. Depois de algum diálogo orientado sobre os aspectos sublinhados, os alunos são convidados a resolver alguns exercícios no quadro, de cariz formativo, sobre o percurso empreendido até ao momento no que diz respeito à concretização dos objetivos da aula. A nível da avaliação, no final da aula os alunos são convidados a preencher uma “grelha de avaliação de competências gerais para Pensar Criticamente” e o professor registará, logo após o final da mesma aula, numa grelha própria, o nível de participação dos alunos, a sua capacidade de cooperação e os resultados da ficha de trabalho realizada. Todos os recursos referidos se encontram nos respetivos anexos. Como trabalho de casa, os alunos são convidados a realizar uma ficha de avaliação formativa elaborando um pequeno ensaio sobre *o real e o virtual*, a apresentar na aula seguinte.

Anexos

Guião de aula

Recursos

Powerpoint

Texto a explorar

Trabalho de grupos

Roda de Elementos para Pensar Criticamente

Critérios de análise para Pensar Criticamente

Grelha de avaliação de competências para Pensar Criticamente

Exercício de avaliação formativa

Exercício de avaliação formativa (TPC)



Guião de aula X

11º Ano	Turma X	Lição n.º X	Data: __/__/2014	Sala X
Unidade Letiva IV: "O Conhecimento e a Racionalidade Científica e Tecnológica"		Subunidade: Descrição e interpretação da atividade cognoscitiva Conceitos Chave: Conhecimento; realidade; realidade virtual; cérebro; mente; sensação; percepção; cognição		
Sumário	Unidade Letiva IV: "O Conhecimento e a Racionalidade Científica e Tecnológica" Subunidade: Descrição e interpretação da atividade cognoscitiva Introdução – Situação-problema			


Objetivos Gerais	Descrever o acto de conhecer
Objetivos específicos	Despertar/Sensibilizar os alunos para a compreensão do conhecimento. Compreender a complexidade do conhecimento

Conteúdos	Estratégias	Recursos	Avaliação	Tempo
O tema do conhecimento e sua complexidade a partir da análise de uma situação-problema	Redação do Sumário	Quadro	Observação direta: grelha de registo da participação oral e qualidade das intervenções e de cooperação com os colegas	5'
	Chuva de ideias sobre a palavra conhecimento e a atitude de conhecer	Computador <i>Datashow</i> <i>Powerpoint</i>		15'
A existência do mundo exterior: o virtual e real	Registo de ideias no quadro	Dicionário Escolar de Filosofia (Aires Almeida)	Resolução de exercícios / ficha de trabalho, de cariz formativo	30'
	Trabalho de grupos (3/4 pessoas sendo um moderador) sobre o texto <i>Chang Tzu e a borboleta</i> (texto e "Roda de Elementos PC")	Aa.VV., <i>Pensar Azul</i> , Texto Editores, 2008 – manual 11.º ano (pp. 140-142)		
	Plenário do Trabalho de Grupos (professor como facilitador e um aluno como redator) e Síntese do debate	Textos complementares		
	Exercício de cariz formativo, no quadro	Visionamento de imagens		
Exercício de avaliação formativa, como TPC.			Exercício de Avaliação formativa (TPC.)	20'
Exercício de avaliação formativa, como TPC.			Grelha de avaliação de competências gerais para Pensar Criticamente	10'
Preenchimento de grelha de avaliação de competências para Pensar Criticamente				10'

PowerPoint - Cf. Recursos Didáticos do Manual – E-book, *powerpoint*, slides 1-7, adaptados.

IV Conhecimento e Racionalidade Científica e Tecnológica início

1. Descrição e Interpretação da Actividade Cognoscitiva



02 ■ estrutura do acto de conhecer ■ 1º ano ■ Abril 11' ■ Fernando Botelho

1.1 Estrutura do Acto de Conhecer início

Sumário


Introdução – Situação-problema

- O que é conhecimento? E conhecer?
- Realidade versus aparência
- Real e Virtual
- Cérebro e mente

02 ■ estrutura do acto de conhecer ■ 1º ano ■ Abril 11' ■ Fernando Botelho

Problema início

O que é conhecer?



02 ■ estrutura do acto de conhecer ■ 1º ano ■ Abril 11' ■ Fernando Botelho

Situação-problema início

Chuang Tzu e a borboleta

«Uma noite em que estive meditando
Horas longas nas coisas deste mundo,
Pouco e pouco me veio um sono brando
E um sonho tão jucundo que ninguém já teve, assim:
Sonhei que era uma lípida e elegante borboleta voando,
De pouso em pouso, sobre o néctar dulcíssimo das flores.
Tempos e tempos, uma vida inteira, andei eu
Com outras companheiras, nume doideira,
Na estação quente dos amores.
Tudo me parecia tão real, tal qual estou dizendo,
E até me lembro que, numa tarde muito fria, quando sai procureva,
Um vento tão gelado de repente me espartou.
«ão mal, tão mal, fiqui», que logo sei, sobre um jasmim, morri!
Despertei: e acordado, ainda insecto morto me julguei!
Que sonhos tem a gente extravagantes!
Sonhos?! que fosse sonho, então, acreditei,
Mas após muito cogitar vejo só um caso emarançado!
Justifico: é que a minha convicção
De existir como insecto foi tão firme antes
Como agora é e de ser de humana geração!
E, portanto: foi antes um homem que sonhou ser uma borboleta,
ou sou agora uma borboleta que sonha que é um homem?»
Erró do intelecto?
Não sei...»

Chuang Tzu e a borboleta. Versão poética (adaptada) de Silva Mendes, docente de Filosofia laicaista. Maceio, Faculdade de Artes e Oficina, 22/30

Trabalho de Grupos


02 ■ estrutura do acto de conhecer ■ 1º ano ■ Abril 11' ■ Fernando Botelho

Ilusão ou realidade? início

Realidade «real» ou «virtual»?

Actualmente, nos jogos digitais e em simuladores, podemos viver situações virtuais em ambientes virtuais e ter experiências que nos parecem reais.

Como podemos ter a certeza de que a realidade que pensamos existir não é, ela própria, virtual?



02 ■ estrutura do acto de conhecer ■ 1º ano ■ Abril 11' ■ Fernando Botelho

Ilusão ou realidade? início

Realidade «real» ou «virtual»?

Virtual

Simulação de um mundo real ou imaginário, gerada por computador



02 ■ estrutura do acto de conhecer ■ 1º ano ■ Abril 11' ■ Fernando Botelho

Que conhecemos?

índice

início

Podemos concluir que é legítimo perguntar:

1 A experiência dos sentidos será apenas um sonho?

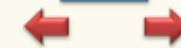
2 A realidade será aquilo de que temos experiência sensível?

3 O que chamamos realidade não será apenas uma elaboração da nossa mente ou uma realidade virtual?

03 ■ estrutura do acto de conhecer ■ 1º ano ■ Azul 11.7 ■ Texto Editores

Exercício

início



Diga quais são as afirmações verdadeiras e quais são as falsas.

Afirmações

V/E

A realidade virtual é expressão de um mundo real.



O que se vê corresponde sempre à realidade.



Realidade virtual é a simulação de um mundo real, ou imaginário, gerada por computador.



O conhecimento é um processo complexo.



03 ■ estrutura do acto de conhecer ■ 1º ano ■ Azul 11.7 ■ Texto Editores

Texto a explorar (da pg. 141 do Manual, para Trabalho de Grupos)

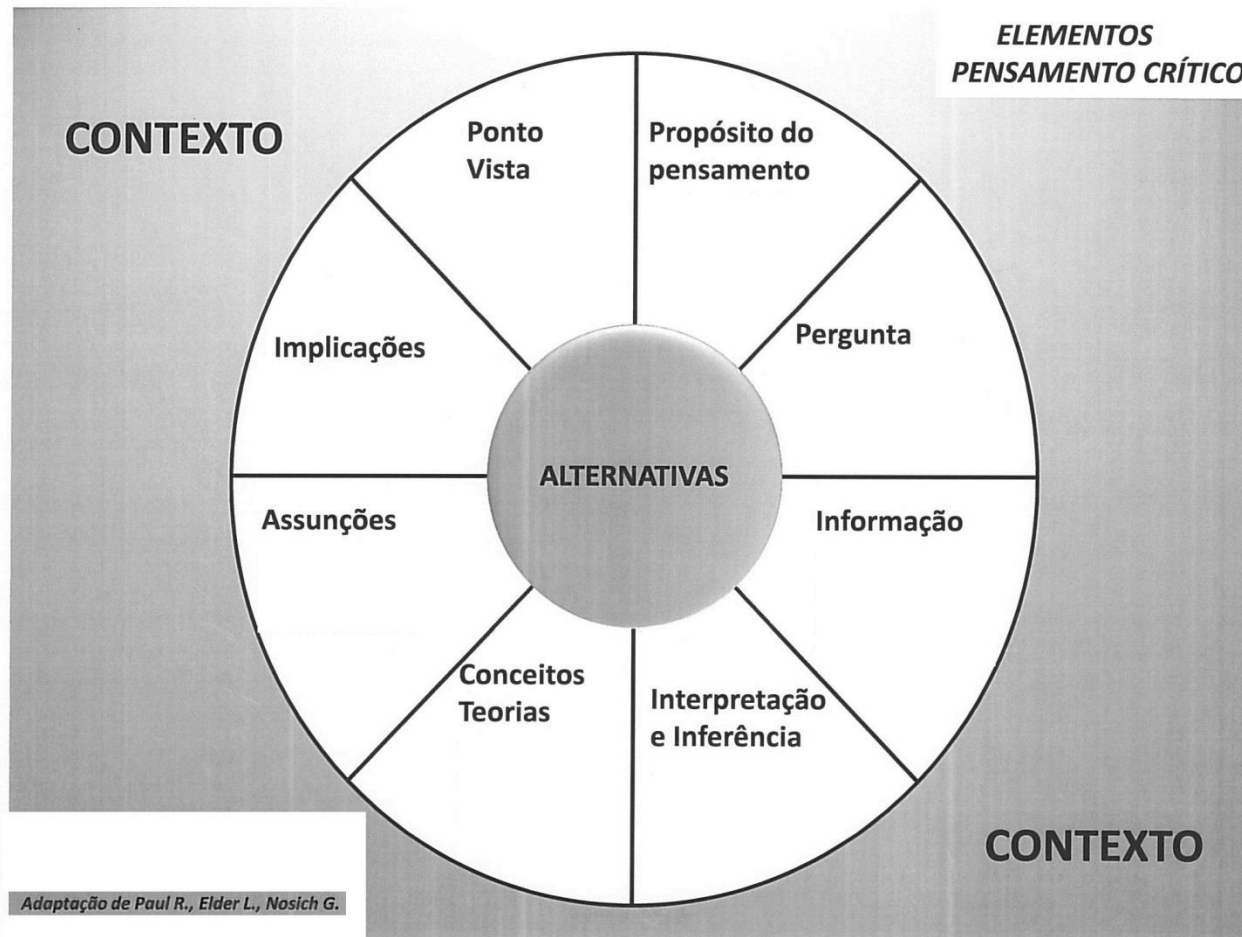
Chuang Tzu e a borboleta

«Uma noite em que estive meditando
Horas longas nas cousas deste mundo,
Pouco a pouco me veio um sono brando
E um sonho tão jucundo que ninguém já teve, assim:
Sonhei que era uma lépida e elegante borboleta voando,
De pouso em pouso, sobre o néctar dulcíssimo das flores.
Tempos e tempos, uma vida inteira, andei eu
Com outras companheiras, numa doideira,
Na estação quente dos amores.
Tudo me parecia tão real, tal qual estou dizendo,
E até me lembro que, numa tarde muito fria, quando sol procurava,
Um vento tão gelado de repente me assaltou,
Tão mal, tão mal, fiquei, que logo ali, sobre um jasmim, morri!
Despertei: e acordado, ainda insecto morto me julguei!
Que sonhos tem a gente - extravagantes!
Sonhos?! - que fosse sonho, então, acreditei,
Mas após muito cogitar vejo só um caso emaranhado!
Justifico: é que a minha convicção
De existir como insecto foi tão firme antes
Como agora é a de ser de humana geração!
E, portanto: fui antes um homem que sonhava ser uma borboleta,
ou sou agora uma borboleta que sonha que é um homem?
Erro do intelecto?
Não sei...»

Chuang Tzu e a borboleta. Versão poética (adaptada) de Silva Mendes, Excertos de filosofia taoista, Macau, Escola de Artes e Ofícios, 1930

Exploração do texto, com Base na “Roda dos Elementos para Pensar Criticamente” (Objetivos; Inferências; Perguntas; Conceitos; Pontos de vista; Implicações; Informação; e Assunções) e Critérios subjacentes (Clareza; Exatidão; Precisão; Relevância; Suficiência; Profundidade; Amplitude; e Lógica)

Roda de Elementos para Pensar Criticamente



Critérios de análise para Pensar Criticamente

CRITÉRIOS — PENSAMENTO CRÍTICO

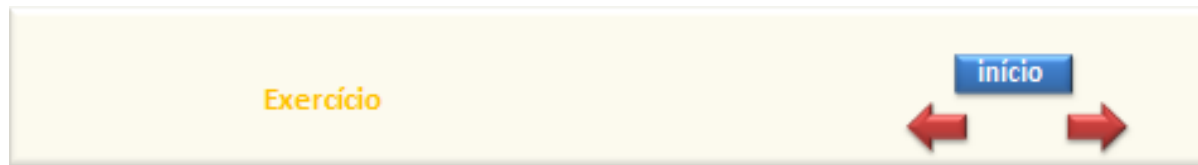
<input type="radio"/>	Clareza
<input type="radio"/>	Exatidão/Veracidade
<input type="radio"/>	Relevância
<input type="radio"/>	Suficiência
<input type="radio"/>	Precisão
<input type="radio"/>	Profundidade
<input type="radio"/>	Amplitude

Adaptação de Paul R., Elder L., Nosich G.

1

Exercício de avaliação formativa

Cf. Exercício, a aplicar na aula, slide 8 do *powerpoint*



Diga quais são as afirmações verdadeiras e quais são as falsas.

<u>Afirmações</u>	<u>V / F</u>
A realidade virtual é expressão de um mundo real	?
O que se vê corresponde sempre à realidade.	?
Realidade virtual é a simulação de um mundo real, ou imaginário, gerada por computador.	?
O conhecimento é um processo complexo.	?

Exercício de avaliação formativa (texto *Somos um cérebro numa cuba*, pp. 181-182 do Manual, a aplicar como TPC)

Esta ficha de avaliação formativa insere-se no âmbito da análise da complexidade do conhecimento humano e tem como principais objectivos *problematizar e distinguir realidade e aparência e questionar a relação entre o cérebro e a mente.*

Leia atentamente o texto seguinte e responda às questões que se lhe seguem, procurando fazer um exercício de problematização e argumentação sobre as mesmas:

«Eis uma possibilidade de ficção científica discutida pelos filósofos: imagine-se que um ser por um cientista perverso. O cérebro da pessoa (o seu cérebro) foi removido do corpo e nervos foram ligados a um supercomputador científico que faz com que a pessoa de Pareça haver pessoas, objectos, o céu, etc., mas realmente tudo o que a pessoa (você) se do computador para os terminais nervosos.



O computador é tão esperto que se a pessoa tenta levantar a mão, a retroacção do Mais ainda, variando o programa, o cientista perverso pode fazer com que a vítima deseje. Ele pode também apagar a memória com que o cérebro opera, de modo que à mesmo parecer à vítima que ela está sentada e a ler estas mesmas palavras sobre a divertida mas completamente absurda suposição de que há um cientista perverso que remove os cérebros das pessoas dos seus corpos e os coloca numa cuba de nutrientes que os mantêm vivos. (...) Quando este tipo de possibilidade é mencionado numa conferência sobre teoria do conhecimento, o propósito, evidentemente, é levantar de uma maneira moderna o clássico problema do cepticismo relativamente ao mundo exterior. (Como é que você sabe que não está nesta difícil situação?) Mas esta situação difícil é também um dispositivo útil para levantar questões sobre a relação mente/mundo.

humano (pode imaginar que é você mesmo) foi sujeito a uma operação colocado numa cuba de nutrientes que o mantêm vivo. Os terminais quem é o cérebro tenha a ilusão de que tudo está perfeitamente normal. está experienciando é o resultado de impulsos electrónicos deslocando-

computador fará com que ela "veja" e "sinta" a mão sendo levantada. "experiencie" (ou se alucine com) qualquer situação ou ambiente que ele própria vítima lhe parecerá ter estado sempre neste ambiente. Pode

Em vez de ter apenas um cérebro na cuba, podíamos imaginar que todos os seres humanos (talvez todos os seres "sencientes") são cérebros numa cuba (ou sistemas nervosos numa cuba no caso de alguns seres apenas com um sistema nervoso mínimo considerado já como "senciente"). Naturalmente, o cientista perverso teria de estar de fora - estaria? Talvez não haja nenhum cientista perverso, talvez (embora isto seja absurdo) aconteça simplesmente que o universo consista num mecanismo automático cuidando de uma cuba cheia de cérebros e sistemas nervosos.

Agora suponhamos que o mecanismo automático está programado para nos transmitir uma alucinação colectiva, em vez de uma quantidade de alucinações individuais não relacionadas. Assim, quando me parece estar a falar consigo, a si parece-lhe estar a ouvir as minhas palavras. Evidentemente, não é o caso de as minhas palavras atingirem realmente os seus ouvidos - porque você não tem ouvidos (reais), nem eu tenho uma boca e língua reais. Antes, quando eu produzo as minhas palavras, o que acontece é que os impulsos eferentes deslocam-se do meu cérebro para o computador, que ocasiona que eu "ouça" a minha própria voz pronunciando essas palavras e "sinta" a minha língua mover-se, etc., e que você "ouça" as minhas palavras, me "veja" a falar, etc. Neste caso, estamos, num certo sentido, realmente em comunicação. Não estou enganado sobre a sua existência real (apenas sobre a existência do seu corpo e do "mundo externo" fora dos cérebros). De um certo ponto de vista, nem sequer importa que "o mundo inteiro" seja uma alucinação colectiva; porque, afinal, você ouve realmente as minhas palavras quando eu falo consigo, mesmo que o mecanismo não seja o que supomos que ele é. (Evidentemente, se fôssemos dois amantes fazendo amor, em vez de apenas duas pessoas levando a cabo uma conversa, então a sugestão de que se tratava apenas de dois cérebros numa cuba podia ser perturbadora.)

Quero agora pôr uma questão que parecerá muito tola e óbvia (pelo menos para algumas pessoas, incluindo alguns filósofos muito sofisticados), mas que nos levará a autênticas profundezas filosóficas bastante rapidamente. Suponha-se que toda esta história era de facto verdadeira. Poderíamos nós, se fôssemos assim cérebros numa cuba, dizer ou pensar que o éramos?»

PUTNAM, H. (1992). *Razão, verdade e história*. Lisboa, Publicações D. Quixote, pp. 28-29

Bibliografia

ALMEIDA, Aires (2008). *Dicionário Escolar de Filosofia*.

AA.VV. (2008). *Pensar Azul*, Texto Editores, manual de Filosofia 11.º ano, pp. 140-142; 181-182.

BONDY, A. Salazar, (sd) *Didactica de la Filosofia*. Retirado de http://sisbib.unmsm.edu.pe/exposiciones/salazar_bondy/publicaciones/didactica_filosofia/indice_didactica.htm, acedido em 21/02/2014.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, Departamento do Ensino Secundário, (coordenação de Maria Manuela Bastos de Almeida) (2001). *Programa de Filosofia 10.º e 11.º Anos – Cursos Gerais e Cursos Tecnológicos Formação Geral*.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (2005). *Orientações para a Lecionação do Programa de Filosofia 10.º e 11.º Anos*.

PUTNAM, H., (1992) *Razão, verdade e história*. Lisboa: Publicações D. Quixote, pp.28-29 in *Manual de Filosofia 11.º Ano*, texto: *Somos um cérebro numa cuba*, pp. 181-182.

WIKIPÉDIA, *real*. Retirado de www.wikipedia.com, acedido em 21/02/2014.

WIKIPÉDIA, *virtual*. Retirado de www.wikipedia.com, acedido em 21/02/2014.

WIKIPÉDIA, *Pensamento Crítico*. Retirado de www.wikipedia.com, acedido em 21/02/2014.